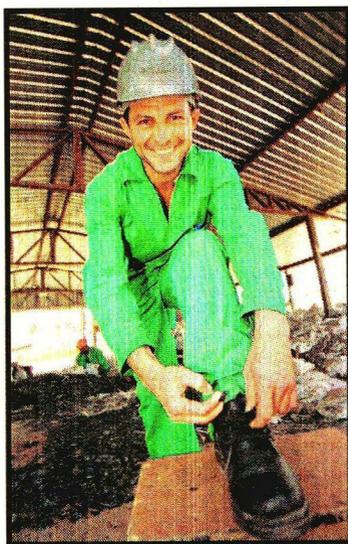


HERÓIS ANÔNIMOS

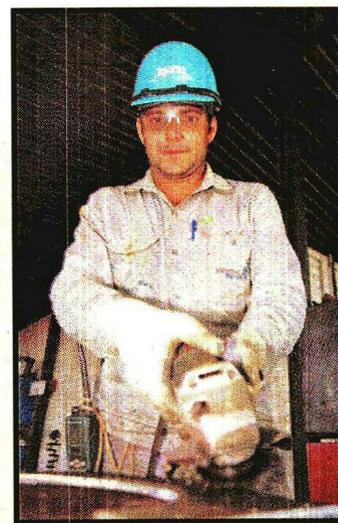
GUSTAVO MORAIS VILAR



O pedreiro Gustavo Moraes Vilar, 29 anos, teve boas surpresas durante os dois anos e meio em que trabalhou na obra da Ponte JK. Iniciou o serviço auxiliando na fundação dos pilares. Mas, aos poucos, trabalhando duro — "pegava às 7h da manhã e ficava até de tardinha" —, foi ganhando a confiança dos patrões. Em pouco tempo foi promovido a lançador de concreto e chegou a repassar ordens dos encarregados para os pedreiros. Gustavo mora em Santo Antônio do Descoberto. Para dar a entrevista, fez questão de trocar a botina por uma nova. Orgulhoso pelo trabalho realizado, o jovem pedreiro disse que participará da festa de inauguração da ponte com sua família. "Começar a obra desde o início e ver terminar é muito gratificante", afirma ele. "Aprendi muito nessa ponte. Vou sentir saudades."

Com os olhos postos na ponte, Gustavo se lembra de cada etapa, quando a obra ainda se resumia às estacas cravadas no Lago Paranoá. "Isso não é nem uma obra. É mais do que uma obra. É uma obra de arte, coisa de artista", sorri.

MARCOS VILAS BOAS



O mecânico Marcos Vilas Boas, 28 anos, coleciona fotos da Ponte JK desde o início da construção. "Esta é a ponte maior e mais bonita em que já trabalhei", diz o operário, que há oito anos trabalha para a Usiminas, tendo participado de obras como a usina de Fumas e completado a marca de seis quilômetros construídos de ponte. "O projeto dessa ponte é muito bom. É a primeira do mundo com essas inovações", destaca. Para Marcos, participar da construção da ponte foi um "desafio". Ele é montador de estrutura metálica. Participou da montagem dos arcos metálicos que cruzam a Ponte JK.

A etapa da obra que mais impressionou o mecânico foi a do lançamento dos tabuleiros no lago. Medindo cada um 240 metros, os tabuleiros foram feitos em terra e, com ajuda de equipamentos, foram lançados na água.

"Foi necessário um pistão hidráulico com 150 toneladas para lançar o tabuleiro." Concluída a ponte, Marcos segue viagem com a Usiminas rumo a outras obras. Mas vai sentir falta da cidade. "Me orgulho de ter trabalhado aqui e quero ainda passar por esta ponte várias vezes", afirma.

MARCO AURÉLIO LEME



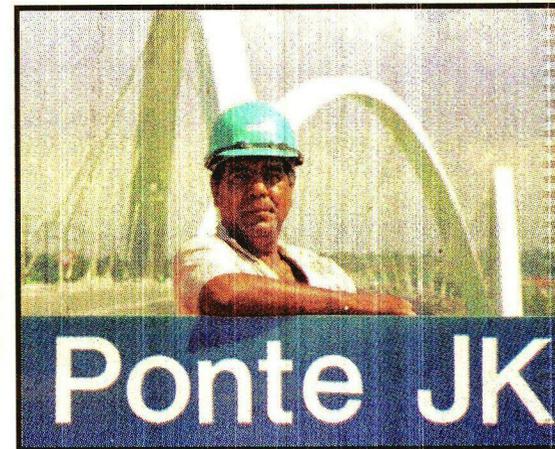
Para vários operários o momento é de abandonar a obra, já concluída. Mas, para outros, o trabalho começa agora. É o caso de Marco Aurélio Leme, 33 anos. Técnico em telecomunicações, Marco mora em São Paulo. Mas, durante dois anos, passará uma semana por mês em Brasília. Seu trabalho é monitorar os sensores de temperatura e dos tabuleiros.

"Implantamos células de cargas nos estais (cabos de aço) para verificar quantas toneladas de carga a ponte agüenta", explica o técnico de maneira metódica. Marco Aurélio realiza o monitoramento por computador. "É uma experiência nova para mim", afirma. O profissional da área de telecomunicações já está em Brasília há dois meses. Até o momento, ele garante

que a ponte está segura. "Pode passar que não tem problema algum", assegura. Marco tem poder de embargar a Ponte JK caso os sensores acusem falhas na estrutura.

Mesmo sem a intimidade adquirida pelos operários com a ponte, Marco já admira a beleza de suas formas. "É um projeto muito bonito, né? Vai ser o cartão-postal de Brasília", afirma.

ADEMIR FERREIRA LEÃO



O operário Ademir Ferreira Leão, 49 anos, trabalha há 22 anos em montagem de pontes e considera a Ponte JK a mais moderna do mundo. "Essa ponte para mim é show. Foi um dos empreendimentos mais modernos do mundo", observa.

Ademir é supervisor de montagem de estrutura e mecânica. Coordenou o trabalho de 140 pessoas na execução dos arcos metálicos.

"Tivemos algumas dificuldades na montagem dos arcos. Não foi fácil. Mas conseguimos", afirmou. Mineiro de Ipatinga, o operário já deixou mais de 20 pontes concluídas nos estados do Amazonas, Roraima, Rondônia, Mato Grosso e Goiás. Trabalha na Usiminas desde os 18 anos, quando começou na empresa como auxiliar de montagem.

Ademir não se entusiasma muito com a festa de inauguração da ponte, que acontece hoje. "Eu já inaugurei a ponte primeiro que todo mundo. Já passei por ela várias vezes", brinca. Ele comenta ainda que em dia de inauguração os trabalhadores abandonam a obra e ficam vendo lá de longe. "Já estou acostumado. Quem faz (autoridades do governo) não está perto de quem fez (operários)", ironizou.